

M-93-02



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

8  
José C

O BANDITISMO RURAL NO RIO GRANDE DO NORTE  
(ANÁLISE SOCIAL)



EMÍLIO JOSÉ CADÓ

NATAL - RN

1993



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O BANDITISMO RURAL NO RIO GRANDE DO NORTE  
(ANÁLISE SOCIAL)

Monografia apresentada como exigência parcial para a conclusão da disciplina de Pesquisa Histórica II, do Curso de História, sobre a orientação da Prof<sup>a</sup> Marlene da Silva Mariz.





"Não há esperanças de sobrevivência  
humana sem homens dispostos a dizer  
o que acontece"

Hannah Arendt.





## INTRODUÇÃO

Tem-se exagerado indevidamente o fundo místico dos movimentos das massas sertanejas. Foram os casos de: Canudos , Juazeiro, O Contestado, O Cangaço e uma quantidade de episódios semelhantes, mas restritos, que eclodiram em diferentes pontos do Brasil.

O nosso trabalho de pesquisa coincide com o aparecimento de uma série de obras, em que tanto cangaceirismo, como o fanatismo sertanejo são ainda objetos de atração em relatos que vêm enriquecer a bibliografia já existente com novas informações. É um trabalho em que se dá ênfase a uma tomada de consciência em relação ao passado, um passado tido como "glorioso", sobre o qual ainda existem trabalhos remanecentes em nosso presente. Tem-se presente entre os historiadores, a necessidade de rever esses remanecentes. O presente estudo é também o reconhecimento de que aqueles homens que empunhavam armas e se tornavam cangaceiros, ou que se reuniam e tornavam monges ou conselheiros, tinham para ambos, consequências monstruosas de uma estrutura social.

Com esse trabalho, nos empenhamos a dar respostas às seguintes indagações: por que surgiu o cangaceiro? porque surgiu o fanático? o que gerou o capanga? o que representava o

"o bandido rural" para a sociedade brasileira?

O "banditismo rural" surge dentro de um contexto de crise de ordem econômica, ideológica, de autoridade e vivenciado em vastas áreas do interior do Nordeste. Essa nova face da sociedade nordestina é característica principal do período de transição que compreende os anos de 1870 a 1880.

Essa nova conjuntura, a partir do último quartel do século XIX, gerou o aparecimento do banditismo no sertão brasileiro. Esses "bandidos" constituíram uma porcentagem de "criminosos" de todo anormal, fruto do nosso atraso econômico, político e social.

## I - CAPÍTULO

### 1 - O BANDITISMO RURAL: CARACTERÍSTICA GERAL-NACIONAL

"O "banditismo rural" é caracterizado como uma reação contrária a uma conjuntura, concretizada no clima de crises de ordem econômica, ideológica e de autoridade. "O bandido rural" é vítima de uma situação de extrema miséria, inserida no campesinato brasileiro. Essa situação é responsável por uma determinada porcentagem de camponeses enveredarem pelo caminho da marginalidade, como única saída para suas necessidades. Essa classe representa, até os dias atuais, uma situação de desordem nos vínculos de dependência no sertão brasileiro.

Com a apropriação das terras pelos grandes proprietários, o que traz como subproduto a escravidão, o homem do campo passa a condição de sujeição de trabalho, instrumento para extrair do camponês mais trabalho. O surgimento do banditismo rural representou uma reação aguda contra a injusta e desumana estrutura social vigente do sertão nordestino.

No plano geral "o banditismo" foi uma reação do tipo hígido, cuja história começa nas injustiças cometidas pelo mandismo local. Na sua maioria, o "bandido rural" é distribuído dentro de uma visão grupal, ou seja, são classificados como os :

jagunços, cangaceiros fanáticos, etc. Eles existiram, compondo uma maioria, que na verdade eram um resíduo permanente. Todo o grosso da "matula sinistra", recrutada pelo próprio crivo social.

Atribui-se ao "banditismo" as mais variadas causas para sua origem. Responsabilizou-se: a raça mestiça, a inexistência de estradas e meios de transporte, carência de alimentos, secas periódicas, influência das civilizações barbaries, escravidão, choque entre famílias, política oligárquica, coronelismo, etc.

É diante desse quadro organizacional da sociedade, que o "banditismo rural" surge e se concretiza como ameaça ao poder da classe dominante - os grandes latifundiários; o estado e a burguesia comercial.

O fenômeno "banditismo" tem sua origem no Brasil desde a época colonialista. Mas, vem a se concretizar como ameaça as classes dominantes do Brasil, principalmente do Nordeste brasileiro, a partir do século XIX.

A própria implantação do regime republicano não modificou a situação sócio-econômica do homem do campo, que naquela época representava mais de dois terços da população nacional. (1)

As grandes propriedades continuaram imperando tanto no litoral como no interior do Brasil, onde predominava o latifúndio improdutivo. Era esse latifúndio uma das principais causas da

miséria e da submissão da população rural.

Necessidade mínimas como remuneração justa do trabalho, boa alimentação e saúde, estavam longe de serem atendidas, o que gerou insegurança e insatisfação, além de poder resultar em certas condições, em fatores de revoltas contra o poder local. Foi o que ocorreu em diferentes regiões, nos últimos anos do Império no Brasil. Bandos de cangaceiros surgiram nos sertões assaltando propriedades, enquanto milhares de sertanejos, solidários na miséria comum, organizaram movimentos religiosos, no sentido de contestar a ordem social. (2)

Durante as épocas de crise (1870-1880), os males do monopólio da terra afloram em toda sua irracionalidade, portanto, apenas uma ínfima minoria de proprietários dispõe de recursos para infrentar a seca, a fome. O homem do campo era obrigado a vagar de propriedade em propriedade, até se vender a uma condição de sujeição ao grande latifundiário; de ser rebentado pelas trágicas consequências das migrações, ou ainda, depois de sentir repulso ao intolerável estado de coisas, explodir levantes violentos, e desordenados, quando não se lançava no cangaço sem nenhuma perspectiva. (3)



### 1.1. OS BANDIDOS DA TERRA

A origem é a terra.

O chão sem dono, rico em minério, alimento e água. O colonizador fundou o latifúndio usando "bandidos". Os bandeirantes invadiram os sertões derrubando a mata e fincando marcos. Para explorar enormes domínios, escravizaram índios e negros. Para policiar-los e perseguir-lós, surgiram os capitães-de-mato. Defendiam a posse da terra e vigiavam o trabalho escravo. É bem conhecida a sua violência, que culminou com o genocídio indígena.

Os primeiros "bandidos", ao conquistarem o poder econômico e políticos, já não sujavam as mãos: financiavam o crime, pagando jagunços e badoleiros para reprimir as populações rurais. Ao mesmo tempo, limpavam sua árvores genealógicas, legalizando o roubo.

Numa nação fundada pelo roubo de terras, a manutenção da ordem é necessariamente um trabalho de "bandidos".

### 1.2. OS BANDIDOS HEROÍIS

(Fonte 9)

A historiografia que se oficializa é escrita por pessoas que fazem da omissão um alibi para sua ignorância ou falsea

mento do fato histórico. Uma ou outra vez, denunciavam discretamente que o povo sofreu uma injustiça ou violência. Só louvavam as virtudes dos eminentes personagens que nos legaram o Brasil. De testam qualquer revisão crítica. Embora apregoam o valor dos seus heróis, denunciavam com um berreiro demagógico a defesa do nosso povo. O protótipo do herói continua intocável.

A paz imposta ao povo, para manter os privilégios das classes dominantes, foi e é um trabalho de bandidos. Não importa se eles foram galonados, nobilitados ou meros "bandidos": a matança indiscriminada dos pobres, foi e será sempre um ato de banditismo. Assim com a história do Brasil é uma obra oficial, o banditismo reveste-se desse caráter oficialista para defender o sistema.

*(Fonte ?)*

### 1.3 - OS BANDIDOS-BANDIDOS

Formavam um bando, originário de uma família com esse apelido, que alugavam-se para manter a "ordem". Para o governo eles não eram ilegais: jamais atacavam os poderosos, não ameaçavam a propriedade. Pelo contrário, impunham a lei dos ricos.

Entre os ancestrais mais próximos do cangaceiro estavam os cacheados. Agiram desde do século XVIII no Nordeste,

impondo a lei no campo. Exulsavam posseiros, disciplinavam agregados e matavam inimigos políticos. Formavam um grupo de bandoleiros que invadiam vilas, fazendas, e cometiam assaltos e estrupos.

#### 1.4 - OS BANDIDOS CANGACEIROS

Há uma clara genealogia que vai dos primeiros grupos de matadores de índios e conquistadores de terra até os cangaceiros. As causas regionais de seu aparecimento são nitidas. Podemos partir da grande seca de 1877, que flagelou o Nordeste, desorganizando-lhe a fraca economia. Sos pastos separaram, o gado morreu, as roças mirguaram, a água acabou.

(Fonte?)

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

"A própria implantação do regime republicano não modificou a situação socio-econômica do homem do campo, que naquela época representava mais de dois terço da população nacional".

- (1) \*FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos  
Rio de Janeiro: XV Edição, 1980.

"Necessidades mínimas como remuneração de trabalho, boa alimentação e saúde, estava longe de serem atendidas, o que gerou insegurança e insatisfação, além de poder resultar em certas condições, em fatores de revoltas contra o poder cental".

- (2) \* MOURA, Margarida Maria. Os Herdeiros da Terra.  
São Paulo: Ed. Hucitec, 1978.

"O homem do campo era obrigado a vagar de propriedade, até se vender a condição de sujeição ao grande, latifundiário; de ser rebentado pelas trágicas consequências das migrações, ou ainda, depois de sentir repulso ao intolerável estado de coisas, explodir levantes violentos, e desordenados, quando não se lançava no cangaço sem nenhuma perspectiva.

- (3) LEAL, vitor Nunes. Coronelismo, enxada e voto.  
São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

## II - CAPÍTULO

### BANDITISMO RURAL: NO NORDESTE

Uma série de crises de ordem econômica, ideológica, de autoridade espalhadas em vastas áreas do interior do Brasil, é característica principal do período de transição que compreende o último quartel do século XIX.

Essa nova conjuntura gerou aparecimento do banditismo no sertão brasileiro. Eles constituíram uma parte de " criminosos" de todo anormal, desconhecido de qualquer país, de qualquer época histórica. Era muito mais fruto do nosso atraso econômico do que propriamente do seu atraso.

A evolução do nordeste, nessa época, caracterizava-se por uma extrema lentidão, própria de uma sociedade em estágio econômico seminatural, com uma divisão de classe sumária: o senhor de grandes extensões de terra e o homem sem terra - o semi-sevo. A população da zona nordestina além da faixa litorânea não recebia sequer a influência benéfica das frágeis conquistas de tipo burguês que se operava nas zonas marítimas urbanas. O monopólio da terra e o trabalho escravo impediram por sua vez, ou dificultou muitíssimo o advento da tecnologia moderna.

A situação dos pobres do campo nos fins do século XIX, levava esses homens a buscar uma saída para suas necessidades. Surge então, o "banditismo" como única forma viável dessas pessoas miseráveis conseguiram o seu sustento.

A centralização imperial que caracterizou o sistema político brasileiro na segunda metade do século XIX não significou porém a plena absorção das elites regionais ao sistema do poder central. Pelo contrário, o período sangrento de consolidação da independência à de conciliação esta marcada pela domesticação das dissidências locais e regionais.

A força das oligarquias estaduais dependiam não só das boas relações com o poder central, como também da hegemonia que determinado grupo, ligado a atividade econômica de peso conseguiam exercer sobre os grupos concordantes, e sobre a massa rural.

Não obstante em 1877-1879 tem início um grande ciclo de secas que se prolonga por um longo tempo, arruinando a produção agrícola e pecuária durante pelo menos 12 anos. Paralelamente as grandes secas, ao desemprego e a redução das atividades econômicas, tem início um grande ciclo de migração, devido ao surto da borracha e do café no Oeste paulista.

*Fonte das informações ?*

Todos esses fatores concorrem para drenar par fora do sertão boa partes da força de trabalho ativa.

### 2.1. CORONELISMO E OLIGARQUIAS

As brigas de famílias, as sangrentas disputas eleitorais que dominavam o cenário político do Nordeste, reflete a dificuldade em se montar um sistema político capaz de acomodar interesses conflitantes.

Na medida em que se complexifica a estrutura produtivo do país, em que velhos interesses são obrigados a ceder lugar para novas forças, e em que se aprofundam as contradições intra-regionais, inerentes à própria classe dominante. O elitismo característico do Império vai aos poucos comprovando a sua inviabilidade.

"A força das oligarquias estaduais dependiam não só das boas relações com o poder central, como também da hegemonia que determinado grupo ligado a uma atividade econômica de peso, conseguia exercer sobre os grupos concorrentes. Por sua vez, este processo de hegemonização dependia do controle exercido sobre os grandes coronéis municipais, condutores da massa incapacitada de participar do processo político que lhes fora aberto, com o advento da República". (5)

A questão imediatista enfrentada pelos grandes proprietários após a proclamação da república, era exatamente como manter-se com influência política, adaptando-se ao novo regime.

A solução como, não poderia deixar de ser, deu-se através do reforçamento dos esquemas de dominação, estruturados em cima das relações de dominação de caráter pessoal.

A solução, como não poderia deixar de ser, deu-se através do reforçamento dos esquemas de dominação estruturada em cima das relações de dominação de caráter pessoal.

O coronel, vivia, pois, imerso numa rede de relações pessoais, que lhe garantia o controle político de uma vasta área. (6)

## 2.2 - GRUPOS E "BANDIDOS RURAIS": FANÁTICO E O CANGACEIRO.

É diante de um contexto, onde predomina o poder dominante local, e onde se vive um quadro de total miserabilidade do homem do campo, que surge os dois principais movimentos do sertão brasileiro, considerados como movimento marginalizados: Cangaço e Fanatismo.

O cangaço foi uma forma de banditismo ocorrido no Nordeste Brasileiro a partir de 1870. A população pobre, para

escapar à morte só existiriam dois caminhos a serem escolhidos: en tregar-se aos assaltos e aos saques ou emigrar. Foi no contexto, de calamidades que vivia o Nordeste Brasileiro, que surgiram os primeiros grupos efetivamente independentes de cangaceiros.

O "cangaceiro" e o "Fanático" são produtos da mesma cultura, vítima de igual opressão, com uma só crença. O cangaceiro rebelde que mata, é encarado como pré-revolucionário; o fanático, cultivando dogmas ampliados pela ignorância, é um reacionário que procura na alienação mística a salvação da alma.

Cangaceiros e fanáticos possuíam as mesmas crenças, mas as circunstâncias alienava o homem, que escolhia o cangaço, im possibilitando-o de assumir um tipo de código moral, característico do fanatismo. (7)

### III - CAPÍTULO

#### BANDITISMO RURAL: NO RIO GRANDE DO NORTE

Como em toda a sociedade nordestina, a terra foi a principal riqueza econômica dos primeiros grupos no Rio Grande do Norte. A orientação da economia em favor da pecuária extensiva confere à propriedade territorial a base na qual se estrutura as classes sociais - assim o apossamento ou não de terras é que vai dar definição a posição dos grupos sociais, imprimindo a cada um de-

les seu peso e suas diferenças e seus prestígios.

Durante as épocas de crises (1870) os males do monopólio da terra aflorar em toda a sua irracionalidade, portanto, apenas uma infima minoria de proprietários dispõe de recursos, para enfrentar a seca, a fome, no R.N. Essas calamidades obrigavam o homem do campo a vagar de propriedade em propriedade, até se vender a condição de jagunço, A qualquer latifundiário; de ser rebentado pelas trágicas consequências das migrações; ou ainda depois de sentir repulsa a quase intolerável estado de coisas, explodir em levantes violentos e desordenado, quando não se lança ao banditismo sem perspectiva. (8)

Torna-se evidente que as relações sociais acima não podem nem devem serem vistas como situações estanques, isto é, imunes a qualquer transformação. Pelo contrário a evolução teve forças suficientes para alterar a fisionomia social que marcou as diversas etapas do desenvolvimento do R.N., fazendo assomar ao palco novos protagonistas, como ocorre com assensão de grupos comerciais ao bloco do poder; ou retirando de cena segmentos que não chegaram a marcar com profundidade as bases da sociedade na qual estava inserida.

Para essas mudanças, contribuem entre outros, os seguintes fatores: concorrência de secas prolongadas, crise no se



tor algodoeiro, pressão das massas rurais famintas.

O cangaceiro, nômade, de pé-na-estrada, lutando contra tudo, acuado pelas volantes, lavando-se em sangue, saqueando, incendiando - é filho do sertão, da caatinga, do conhecimento palmo-a-palmo das serras. (9)

Alguns deles atravessaram o Rio Grande do Norte de passagem e até aqui tentaram fazer vida, mas do nosso conhecimento, o único filho natural do estado do Rio Grande do Norte foi a figura de Jesuíno Brilhante que na verdade merece destaque na história do banditismo rural norte-riograndense.

O deslocamento de várias famílias de sertos povoados que estavam localizados em lugares que não havia condições de sobrevivência, para povoados do litoral, ou para os pés de serras, refletido o êxodo das estiagens, provocou a ocupação das últimas terras desabitadas, e em alguns casos, a penetração de algumas famílias em propriedades rurais, gerando injustiças sociais e provocando o aparecimento de "bandidos rurais" no Rio Grande do Norte.

## BIBLIOGRAFIA

- CASCUDO, L, C - História do Rio Grande do Norte
- CUNHA, E - "Os Sertões" - 1957 - 25ª edição
- CAFÉ FILHO, J - Do Sindicato ao Catete - R.J. - 1966
- DÓRIA, C.A - "O Cangaco" - 2ª edição, brasileira
- FACO, Rui - Cangaceiros e Fanáticos .  
Rio de Janeiro: UFP, 1980.
- FERRAZ, Marilandes - O Canto do Acauã.  
Recife-Pernambuco, 1985.
- KOSHIBA, Luís e Denise Morzi Freuze.  
História do Brasil. 5ª ed. São  
Paulo: ática, 1945.
- HOLANDA  
, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização  
Brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993. 5v.
- LEAL? Vitor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto.  
São Paulo: Tempos Brasil, 1978.
- MEDEIROS, Tarciso. Aspectos Geopolíticos e An-  
tropologicos da história do Rio grande do  
Norte. Imprensa Universitária, 1973.
- MACIEL, Frederico Bezerra. Lampião e seu Reinado.  
Rio de Janeiro: Vozes, 1985. 6v.
- NONATO, Raimundo. Lampião em Mossoró.  
Rio de Janeiro: Rogentei.